

O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA: UMA ANÁLISE DE NÍVEIS DE ALFABETIZAÇÃO NA TURMA DO 1º ANO DOS ANOS INICIAIS

JAIANE SOUZA DA SILVA¹

RESUMO

O presente estudo apresenta uma análise sobre o processo de aquisição da língua escrita em uma turma do 1º ano dos anos iniciais da rede pública de Frecheirinha/CE. A alfabetização é até hoje um assunto pertinente entre os educadores e sempre nos questionamos a melhor forma de alfabetizar, se há um método específico, se nossos alunos alcançam o mesmo nível de forma homogênea. O artigo utiliza uma abordagem qualitativa, descritiva e bibliográfica com análise a partir de uma pesquisa de campo através das atividades realizadas pelos alunos com foco na escrita. Tem como referencial teórico a psicogênese da língua escrita e autores que investigam o sistema de escrita alfabética (SEA). Seu objetivo geral é discutir a heterogeneidade de níveis de alfabetização presentes na turma do 1º ano dos anos iniciais. Os resultados nos mostram que o processo de aquisição do SEA apresenta variação de acordo com as experiências dos alunos, fatores externos e cognitivos influenciam diretamente para identificar em qual nível o educando se encontra. Neste caminho, o docente deve possuir práticas que instiguem ao avanço de nível e chegue à alfabetização desejada.

Palavras-chave: Aquisição da língua escrita, Alfabetização, Heterogeneidade de níveis.

1 Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - CE, Professora da rede pública do Município de Frecheirinha/CE. E-mail: jaianesilvapedagoga@gmail.com;

INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização e letramento é um caminho desafiante a todos que buscam uma educação emancipatória, pois alfabetizar letrando um educando nos possibilita formar pessoas capazes de compreender a sociedade em sua volta. O termo alfabetização é usado para definir o processo de aquisição do sistema alfabético que utilizamos, porém ele vai além do simples fato de saber “como escrever”. Neste contexto, buscamos apresentar nesta pesquisa uma análise do processo de alfabetização em uma turma do 1º ano do ensino fundamental da rede pública do município de Frecheirinha/Ceará.

Esta pesquisa se fez necessário após um questionamento de como os alunos se encontram pós pandemia no seu processo de alfabetização. Foram quase dois anos sem frequentar o ambiente escolar de forma regular e se abre a pergunta de como isso poderia afetar nesse processo. O artigo tem como objetivos discutir a heterogeneidade de níveis de alfabetização presentes na turma do 1º ano dos anos iniciais e identificar os níveis de aquisição da escrita segundo a psicogênese da língua escrita de Emília Ferreiro e Ana Teberosky.

O 1º ano do ensino fundamental faz parte do ciclo de alfabetização, etapa onde a criança desenvolve a aquisição do sistema alfabético, neste ciclo utilizamos os termos “alfabetizar e letrar” com frequência, pois são eles que ajudarão os alunos na competência leitora. Dentre muitos estudos sobre o processo de alfabetização, discutiremos sobre a psicogênese da língua escrita com análise nas observações e atividades aplicadas na turma do 1º ano dos anos iniciais.

Resultaremos em uma turma com a presença de variação de níveis sobre sua aquisição da língua escrita, o que nos aponta um desafio docente de como auxiliar seus alunos a avançarem de nível e a colaboração com os colegas que estão em níveis diferentes.

METODOLOGIA

O estudo realizado utilizou o método de pesquisa descritiva-qualitativa no qual analisamos estudos sobre a psicogênese da língua escrita para alcançarmos o objetivo de identificar como se encontra a turma investigada. Fez-se uso de uma pesquisa bibliográfica com base

teórica sobre a alfabetização nos estudos de Ferreiro e Teberosky (1986), Russo (2012), Morais (2012) e Piccoli e Camini (2012); e um estudo de campo com as atividades de escrita realizadas pela turma do 1º ano do ensino fundamental da rede pública de Frecheirinha – CE.

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo a BNCC (2018) os anos iniciais do ensino fundamental devem articular as experiências vivenciadas na educação infantil com os novos conhecimentos que irão receber de maneira lúdica durante o processo. A criança ao entrar no ensino fundamental não se torna um aluno automaticamente sistematizado, é necessário um período de adaptação para a nova estrutura de ensino.

Os alunos do 1º ano do ensino fundamental estão acostumados com uma rotina lúdica e dinâmica da educação infantil, no entanto precisam ser inseridos na metodologia das áreas do conhecimento e suas disciplinas. Outro ponto importante neste início de ciclo é o processo de alfabetização e letramento. A BNCC deixa clara que a “alfabetização é o foco da ação pedagógica” nos anos iniciais.

Nesse processo, é preciso que os estudantes conheçam o alfabeto e a mecânica da escrita/leitura – processos que visam a que alguém (se) torne alfabetizado, ou seja, consiga “codificar e decodificar” os sons da língua (fonemas) em material gráfico (grafemas ou letras), o que envolve o desenvolvimento de uma consciência fonológica (dos fonemas do português do Brasil e de sua organização em segmentos sonoros maiores como sílabas e palavras) e o conhecimento do alfabeto do português do Brasil em seus vários formatos (letras imprensa e cursiva, maiúsculas e minúsculas), além do estabelecimento de relações grafofônicas entre esses dois sistemas de materialização da língua. (BRASIL, 2018, p. 89-90)

Abordando os conceitos utilizados pela BNCC para o processo de alfabetização, nos direcionaremos para o estudo da aquisição da escrita, pois ao adentrar no ensino fundamental a criança é bombardeada por informações de como deve escrever, técnicas, caligrafias e métodos para uma boa escrita em consonância com o processo de leitura.

No Estado do Ceará, desde 2007, a proposta apresentada pelo Programa Alfabetização na Idade Certa (PAIC) é alfabetizar todos os alunos das redes municipais até o segundo ano do ensino fundamental, o que também foi apresentado na BNCC. Portanto, o carro-chefe dos anos iniciais é processo de alfabetização.

Já sinalizamos que alfabetizar e letrar são conceitos distintos, no entanto, indissociáveis. Alfabetização é aquisição do sistema de representação que utilizamos, identificar e relacionar grafema e morfema; letramento é o processo de compreensão deste sistema no contexto social, é o educando ser capaz de ler um texto e ao finalizá-lo compreender e interpretar as informações ali presentes.

Neste contexto, o estudo da psicogênese da língua escrita de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1986) vem de encontro com o processo de alfabetização e letramento – embora para elas o foco seja a escrita, pois busca compreender o que as crianças pensam durante a aquisição da escrita e leitura, seus questionamentos e como será construído tais habilidades.

(...) as autoras da psicogênese da escrita assumiram um novo conhecimento sobre o sistema alfabético não surge, simplesmente pelo meio (a escola, a professora), mas é fruto da transformação que o próprio aprendiz realiza sobre seus conhecimentos prévios sobre o mesmo SEA, ao lado das novas informações com que se defronta e que não se encaixam naqueles conhecimentos prévios. E que, por isso, funcionam com fonte de desafio e conflito. (MORAIS, 2012, p. 53)

Ferreiro e Teberosky tratam do sistema de escrita alfabética (SEA) como um processo evolutivo no qual a criança passa por etapas até atingir sua competência alfabética. O primeiro nível, pré-silábico, se caracteriza pela escrita desordenada como garatujas, desenhos para representar palavras, nesta fase a criança não estabelece vínculo entre a escrita e fala. A criança registra a palavra conforme sua hipótese.

No nível silábico a criança começa a escrever sequências de letras para representar o som da palavra. Inicialmente “pode conhecer ou não os nomes e/ou sons das letras de seu próprio nome, principalmente a inicial,” (RUSSO, 2012, p.36) e, a partir destas, as utilizam para escrever diversas palavras. No grau que vai evoluindo, a criança cria a consciência que a escrita se relaciona com a pronúncia e ao escrever se

preocupa com a sonoridade das sílabas mesmo que com ou sem valor sonoro.

O nível silábico-alfabético é o momento no qual o aluno percebe que a escrita de uma palavra está associada a junção de sons que se complementam e, para escrever corretamente uma palavra a criança entende que não se pode utilizar apenas uma letra para cada sílaba, mas que é preciso “pôr mais letras” para que a palavra escrita represente a palavra falada (GOMES, 2012). É comum a criança acertar a escrita de palavras usadas com frequências, escrever faltando apenas uma letra ou trocar letras por outras com sons semelhantes.

A última fase é o nível alfabético, ao chegar neste nível a criança possui a consciência fonética das palavras e ao escrevê-las compreende como o sistema de escrita alfabético é constituído. No entanto, falta apropriar-se de outras convenções da escrita como as sílabas complexas, letras com mais de um som e ortografia.

Conforme nos afirma Silva e Caetano (2014, p. 54) na fase alfabética, a criança

Domina ou não as convenções ortográficas, compreende que a escrita tem função social, apresenta estabilidade na escrita das palavras, conhece o valor sonoro das letras, compreende que cada letra corresponde aos menores valores sonoros da sílaba, procura adequar a escrita à fala, faz leitura com ou sem imagem, inicia a preocupação com as questões ortográficas, separa as palavras quando escreve frases, produz textos de forma convencional e utiliza o dicionário. Existe um reconhecimento pela criança dos sons das letras.

Para Ferreiro e Teberosky ao chegar nesta fase a criança era considerada alfabetizada, pois já se utilizava do sistema de escrita convencional e embora cometa erros ortográficos era capaz de formular frases que possam ser lidas e compreendidas.

É importante ressaltar que estes níveis não são padrões fixos de uma faixa etária, podemos encontrar crianças da mesma idade em diferentes níveis de alfabetização. O que constitui este estudo, como uma prática pedagógica que auxilia o professor a identificar os conhecimentos que seus alunos possuem e como ele seguirá sua prática docente.

A psicogênese forneceu um instrumental para que as professoras pudessem aferir os conhecimentos linguísticos das crianças, são princípios básicos para identificar o processo alfabético do educando. “Mesmo aquelas professoras que jamais leram um parágrafo da Psicogênese da Língua Escrita seguidamente podem ser vistas incorporando ao seu repertório práticas associadas ao construtivismo pedagógico que foi de constituindo na área da alfabetização no Brasil.” (PICCOLI, CAMINI, 2012, P. 29).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando os estudos da psicogênese da língua escrita, analisaremos os níveis presentes na turma do 1º ano dos anos iniciais do ensino fundamental da rede pública do município de Frecheirinha/Ceará. No ano de 2022, após quase dois anos de pandemia do COVID-19, as crianças iniciam seu ano letivo com um grande desafio de ingressarem no ensino fundamental após a educação infantil no ensino remoto.

A turma é constituída por 26 alunos, oriundos da sede do município e regiões adjacentes, no qual nos deparamos com uma heterogeneidade em relação ao ingresso ao ambiente escolar. Temos 03 alunos que não frequentaram a educação infantil de nenhuma forma, sendo no 1º ano seu primeiro contato com a sala de aula; alunos que ingressaram na educação infantil no ensino e remoto e, alunos que frequentaram a pré-escola de forma híbrida ou presencial.

O cenário já nos anuncia que os níveis do sistema de escrita alfabética (SEA), que já não podemos considerar definidos com a faixa etária, aqui se apresenta de maneira mais distintas com as vivências sociais e escolares.

Cada nível tem características que o definem. Contudo, mesmo atendendo às características principais, diferentes crianças em determinado nível também ser mostram de muitas outras maneiras, fazendo representações muito particulares, de acordo com seus próprios saberes e concepções resultantes de um percurso interno e pessoal. (RUSSO, 2012, p. 32)

Uma criança que passou pela educação infantil já desenvolveu certas habilidades psicomotoras que as auxiliará na escrita. Observamos

o movimento de pinça, como segura o lápis, desenvolve contornos, e estas ferramentas servirão para o processo de escrita caligráfica, porém não é requisito básico na psicogênese. Outro ponto é o vocabulário e as expressões artísticas como o grafismo primitivo (garatujas), o início do processo de alfabetização escrita.

Analisamos algumas atividades destas crianças e identificamos os níveis presentes nesta turma.

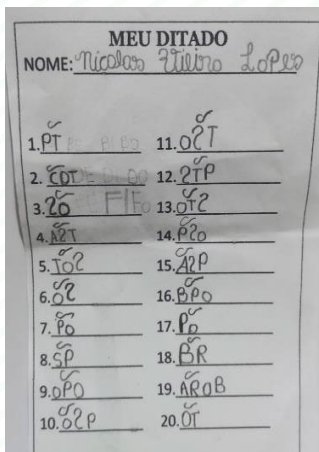


Imagem 1

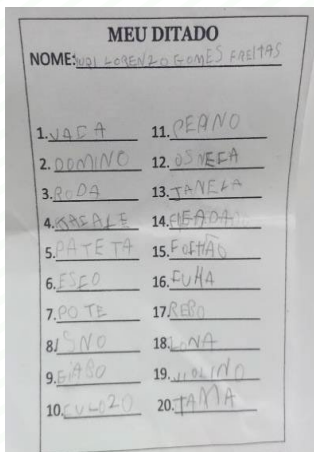


Imagem 2

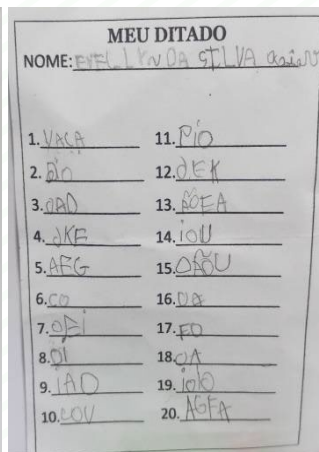


Imagem 3

Na imagem 1 observamos que o aluno relacionou uma letra para cada sílaba, porém sem valor sonoro, na imagem 2, a aluna já escreve a letra com o valor sonoro na sílaba equivalente e na primeira palavra já consegue escrever corretamente por se tratar de uma palavra frequente. Na imagem 3, o aluno escreve a sílaba completa para representar os sons das palavras e se encontra muito próximo do nível seguinte.

Nesta primeira análise podemos definir que as crianças das imagens 1 e 2 estão no nível silábico, sem valor e com valor sonoro, respectivamente. E na imagem 3, a criança se encontra no nível silábico alfabético.

Seguindo as observações, encontramos diversos alunos no nível pré-silábico em diferentes fases: uma escrita mais fixa com uma letra em maior frequência (imagem 4), escrita sem controle de quantidade (imagem 5) e uma escrita com quantidade e repertório variável (imagem 6).

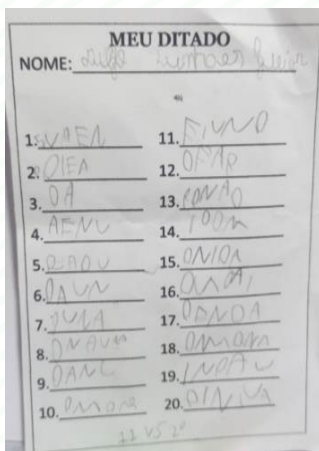


Imagem 4

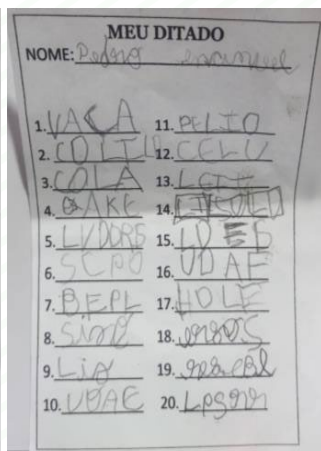


Imagem 5

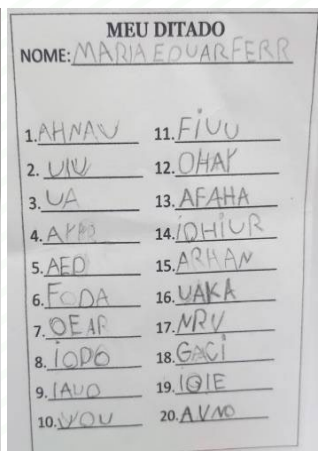


Imagem 6

O nível pré-silábico é desafiante para os alunos, pois começam a perceber que existe uma relação da fala à escrita, que é necessário ter quantidades mínimas para escrever algo, sua hipótese seria que “para ler coisas diferentes, deve haver uma diferença objetiva nas escritas”. (PICCOLI, CAMINI, 2012, p. 31)

Na turma também temos alunos no nível alfabético, crianças que frequentaram a educação infantil e estão em processo de letramento. Iniciaram o ano letivo na fase pré-silábica com valor sonoro e já formulam frases com pequenos erros ortográficos, vejamos 3 exemplos a seguir.

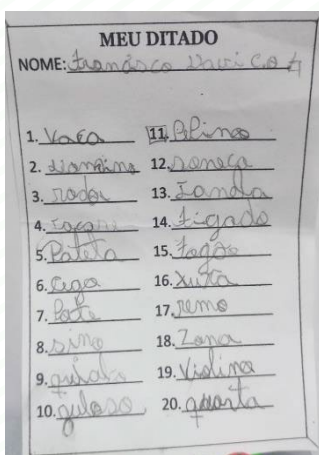


Imagem 7

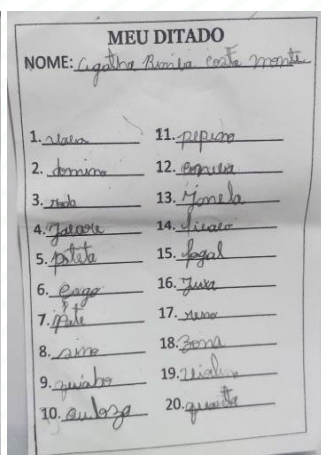


Imagem 8

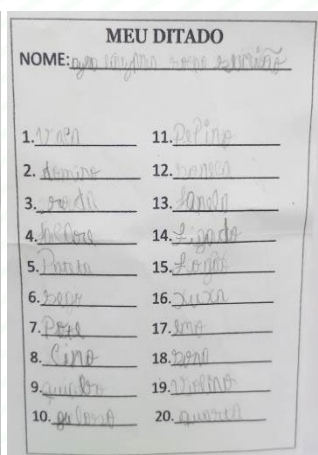


Imagem 9

Há um caso específico que analisaremos a seguir, este aluno iniciou o ano letivo em abril e não havia ingressado na escola nos anos anteriores. Seu processo de aquisição da escrita está acontecendo de forma gradual com sua socialização no ambiente escolar.

Notamos que de início apresentou traços desorganizados e sua escrita era por meio de garatujas, desenhos que para ele representava a palavra (imagem 10). Seguindo os meses, observamos que sua escrita começa a criar traços alfabéticos – as vezes com garatujas, e a quantidade de letras depende da palavra que ele deseja escrever (imagem 11). Na imagem 12 observamos um avanço dentro do nível, no qual ele apresenta uma escrita linear utilizando as letras do próprio nome para expressar a palavra.

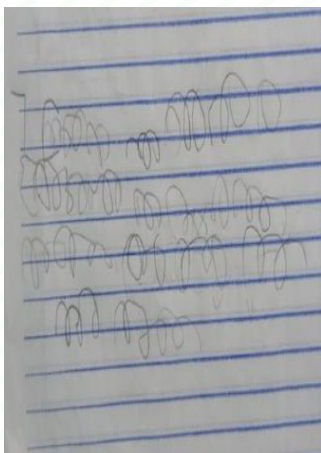


Imagem 10

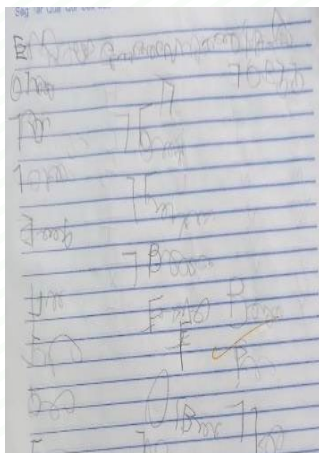


Imagem 11

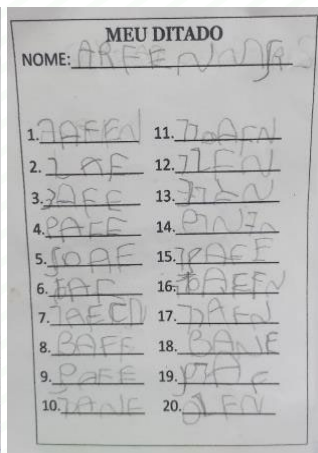


Imagem 12

A cada avanço na escrita a criança vai criando hipóteses que as leva a questionar seus processos, é comum encontramos mesclagens na escrita durante este tempo de transição de uma fase para outra, pois ela ainda traz conceitos do nível anterior que as auxiliaram na apropriação do nível seguinte. “Assim, a passagem de um nível para o outro só irá ocorrer quando ela deparar com questões que o nível em que se encontra não puder explicar e a desestabilidade cognitiva for suficiente para levá-la a procurar novos caminhos e encontrá-los.” (RUSSO, 2012, p. 35)

No estudo que analisamos observamos que em uma mesma turma encontramos uma variedade de níveis de escrita, isso está

ligado diretamente aos aspectos externos e as habilidades cognitivas que estas crianças possuem. Aqueles alunos que tiveram algum contato anteriormente ao 1º ano com a escrita em suas diversas formas, já apresentaram um domínio básico de como a escrita se apresenta. Já aquelas crianças que iniciaram agora seu processo escolar apresentam grafismos primitivos que irão evoluindo.

Suas vivências com o mundo letrado iniciou-se mesmo antes do espaço escolar, aquelas que tiveram a oportunidade de explorar diversas realidades, instigadas a descobrir o mundo das letras, consegue criar hipóteses com maior facilidade sobre o sistema alfabético. Como Ferreiro (2011, p. 21) nos fala: “a escrita é importante na escola porque é importante fora da escola, e não o inverso.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de aquisição da língua escrita nos faz questionar diariamente a melhor forma de garantir que nossos alunos alcancem tais níveis. É indispensável que o professor conheça a teoria e a use na sua prática docente. Ao identificar o nível em que seu aluno se encontra, o docente criará estratégias para instigá-lo e favorecer um caminho que o leve para o nível seguinte. Não é uma tarefa fácil e que acontece de repente, o processo de alfabetização é construído ao longo das vivências do educando no ambiente escolar e fora dele, é a “cultura escrita” como nos apresenta Emília Ferreiro que proporcionará diversas experiências.

Os resultados deste estudo mostram a variação da escrita em uma turma com a mesma faixa etária, o que nos possibilita identificar que a classificação dos níveis não é um padrão fixo em um determinado momento da vida. O processo evolutivo da escrita se apropria do espaço e dos conhecimentos prévios que as crianças possuem para criar hipóteses que as levarão para o nível seguinte.

O papel do professor vai além de “catalogar” seus alunos em níveis, ele deve oferecer práticas pedagógicas que estimulem seus processos. Em uma turma com uma variedade de escrita, este docente precisa apresentar didáticas que transitam entre os níveis e que ofereça aos seus educandos possibilidades de trocas de experiências, vivências textuais e habilidades que despertem curiosidade sobre a sistematização do sistema de escrita alfabético.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1986.

_____, Emília. **Com todas as letras**. [Retradução e cotejo de textos Sandra Trabucco Valenzuela]. – 17. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. (Como eu ensino). São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

PICCOLI, Luciana. CAMINI, Patrícia. **Práticas pedagógicas em alfabetização: espaço, tempo e corporeidade**. Erechim: Edelbra, 2012.

RUSSO, Maria de Fátima. **Alfabetização: um processo em construção**. 6.ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

SILVA, M. R. da S. e; CAETANO, M. R. **O processo mágico de apropriação do sistema de escrita: da garatuja à escrita alfabética**. Revista Acadêmica Licencia&acturas, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 48–56, 2014. DOI: 10.55602/rlic.v2i2.45. Disponível em: <https://ws2.institutoivoti.com.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/38>. Acesso em: 14 out. 2022.